

RUDYARD KIPLING

O LIVRO DA SELVA

Tradução de VERA KARAM

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

Os irmãos de Mogli

Agora, Chil, o abutre, vem trazer a noite
Que Mang, o morcego, libertou
Os rebanhos estão presos
Para serem soltos ao amanhecer
Esta é a hora da força e do orgulho,
É hora das patas, das presas e das garras.
Ouçam o chamado! Vamos à caça
Pois essa é a Lei da Selva!

CANÇÃO NOTURNA DA SELVA

Eram sete horas de uma noite muito quente nas montanhas Seeonee quando Pai Lobo acordou de sua sesta, passou as unhas pelo corpo, bocejou e esticou as patas, uma depois da outra, para tirar a sensação de sonolência. Mãe Lobo estava deitada com seu enorme focinho cinza bem perto dos seus quatro agitados e barulhentos filhotes e a lua, brilhando, entrava na caverna onde viviam.

– Arg – resmungou Pai Lobo. – Está na hora de caçar outra vez – e já estava descendo montanha abaixo quando viu uma sombra com uma cauda felpuda que se postou à sua frente, na entrada, e, em voz queixosa, falou:

– Que a sorte o acompanhe, ó Chefe dos Lobos, e que seus nobres filhotes tenham também boa sorte e dentes brancos e fortes, e nunca esqueçam que há gente passando fome no mundo.

Era o Chacal Tabaqui, também conhecido como o “Lambe-restos”. Os lobos da Índia desprezam Tabaqui porque ele está sempre fazendo intrigas, contando mentiras e comendo restos e pedaços de couro que encontra no lixo dos vilarejos. Mas eles também têm muito medo dele, porque Tabaqui, mais do que qualquer outro ali na selva, tem ataques de loucura e, quando isso acontece, perde completamente o medo de quem quer que seja e corre pela floresta mordendo o que encontrar pelo caminho. Até mesmo o tigre corre e se esconde quando o pequeno Tabaqui enlouquece, pois a loucura é a pior desgraça que pode acontecer a um habitante da selva. Nós, seres humanos, chamamos isso de hidrofobia, mas os animais chamam isso de “dewanee”, ou seja, loucura, e saem correndo.

– Pode entrar e dar uma olhada – disse o Pai Lobo, constrangido. – Como pode ver, não temos comida.

– Não para um lobo – disse Tabaqui –, mas para um miserável como eu um osso seco já é uma festa! Quem somos nós, os Gidurlog (os chacais), para ficar escolhendo? – E correu para os fundos da caverna, onde encontrou um osso ainda com um pouco de carne, e sentou-se roendo, feliz da vida.

– MUITÍSSIMO obrigado por essa refeição – disse Tabaqui, lambendo os beiços. – Que bonitos são seus filhos. Que olhos grandes eles têm. E são tão novinhos! Claro, claro, não posso esquecer que os filhos dos reis são nobres desde pequenos.

Ora, Tabaqui sabia perfeitamente que não há nada que atraia pior sorte do que elogiar crianças na presença delas, e sentia prazer em ver Pai e Mãe Lobo sentindo-se desconfortáveis por causa disso.

Continuou sentado, deliciando-se com o aborrecimento que causara e então disse com maldade:

– Shere Khan, o Grande, já elegeu seu campo de caça. Vai caçar por essas montanhas na próxima lua, conforme me disse.

Shere Khan era o tigre que vivia perto do Rio Waingunga, a uns trinta quilômetros dali.

– Ele não tem esse direito – disse Pai Lobo, irritado. – De acordo com a Lei da Selva, ele não tem direito de mudar seu campo de ação sem avisar. Vai assustar toda a caça, e eu, eu já tenho tido que caçar por dois, ultimamente.

– Não foi à toa que a mãe dele o chamou de Lungri (o manco) – disse Mãe Loba, calmamente. – Ele é manco de uma perna desde que nasceu. E é por isso que, até hoje, ele só consegue caçar gado manso. Agora os habitantes de Waingunga estão com raiva dele e ele quer irritar os habitantes daqui também. Eles vão persegui-lo por toda a selva e nós e nossos filhos vamos ter que sair correndo quando começar a prender fogo aqui. Realmente, nós temos muito o que agradecer a Shere Khan!

– Devo dizer isso a ele? – perguntou Tabaqui, cinicamente.

– Saia daqui – gritou Pai Lobo. – Vá caçar com o seu amo. Você já fez mal que chegue por esta noite.

– Estou indo... – disse Tabaqui calmamente. – Dá para ouvir Shere Khan lá embaixo nos arbustos. Vocês mesmos vão poder dar o recado!

Pai Lobo pôs-se a escutar e, do vale que dava em um pequeno rio, pôde ouvir o rugido seco, irritado,

monótono de um tigre que não conseguira nada ainda e queria que toda a selva ficasse sabendo disso.

– Esse idiota – reclamou Pai Lobo –, se isso é jeito de começar uma caça de noite! Será que ele pensa que os antílopes daqui são como aqueles gados gordos lá de Waingunga?

– Ssh! Ele não está caçando nem antílopes nem gado essa noite – disse Mãe Loba. – Está atrás de um homem. – O rugido tinha se transformado em uma espécie de ronronar que parecia vir de todos os lados. Era o tipo de barulho que confunde os lenhadores e as ciganas que dormem ao ar livre, e faz com que eles corram exatamente em direção à boca do tigre.

– Um homem! – exclamou Pai Lobo, rindo. – Ora essa! Será que não há besouros e sapos suficientes por aí que ele precisa comer um homem e logo no nosso território?

A Lei da Selva, que nunca ordena nada sem um bom motivo, proíbe um animal de matar um homem, a não ser quando é para ensinar seus filhotes a matar. E nesse caso ele tem que caçar fora da área de seu grupo ou tribo. A verdadeira razão dessa proibição é que matar um homem implica, mais cedo ou mais tarde, à chegada de homens brancos armados montados em elefantes, e milhares de homens negros com tochas e rojões. E todos na selva sofrem as consequências. A razão que os animais dão para essa regra é de que o homem é o mais fraco e indefeso dos seres vivos e, portanto, não seria justo atacá-lo. Dizem, também – e é verdade –, que os animais que comem homem ficam doentes e perdem os dentes.

O rugido foi ficando mais alto e terminou em um sonoro “Aaarh”, característico de quando o tigre dá o bote.

Até que Shere Khan deu um uivo que não parecia vir de um tigre.

– Ele deixou escapar a presa – disse a Mãe Loba.
– O que será?

Pai Lobo correu para fora a pouca distância dali e ouviu Shere Khan resmungando furioso, rolando na grama.

– O idiota fez a besteira de pular uma fogueira de lenhadores e queimou os pés – disse Pai Lobo. – Tabaqui está lá com ele.

– Tem alguém subindo para cá – disse Mãe Loba, levantando as orelhas. – Prepare-se.

Os arbustos se mexeram na mata e Pai Lobo levantou as patas, preparando-se para saltar. E se você estivesse lá teria visto uma coisa incrível: o lobo interrompendo o salto no meio do caminho. Ele fez um movimento antes de ver sobre o que estava saltando e quando viu tentou interromper o salto. O resultado foi que ele se lançou no ar a um metro e meio do chão e voltou quase exatamente ao mesmo lugar de onde havia saltado.

– Um homem – disse Pai Lobo espantado. – Um filhote de homem, olhe!

Bem na frente dele, apoiando-se em um galho mais baixo, estava um bebê moreno, nu, que mal sabia caminhar. A coisinha mais lisa e macia que já aparecera em uma caverna de lobos à noite. Ele olhava para o rosto de Pai Lobo, acima dele, e ria.

– Isso é um filhote de homem? – perguntou Mãe Loba. – Nunca vi nenhum. Traga ele aqui.

Um lobo acostumado a carregar seus próprios filhotes pode, se necessário, abocanhar um ovo sem quebrá-lo e, apesar de Pai Lobo ter prendido a boca nas costas do bebê, nenhum dente sequer arranhou-lhe a pele e ele o colocou no chão entre os filhotes.

– Que pequenino, olhe! Não tem pelos no corpo! Mas que coragem! – disse a Mãe Loba, com doçura. O bebê aninhava-se entre os filhotes para se aquecer.

– Olha! Ele está comendo junto com os outros. E é um filhote de homem. Alguém tinha ouvido falar de um lobo que pudesse se gabar de ter um filhote de homem entre os seus?

– Eu lembro vagamente de ter ouvido falar de algo assim, mas nunca no nosso grupo, e nem na nossa época – disse o Pai Lobo. – Ele não tem um só pelo no corpo, e eu poderia matá-lo com uma simples patada. E, no entanto, me olha sem medo algum.

A luz da lua desapareceu da entrada da caverna; era a cabeça quadrada e os ombros de Shere Khan bloqueando-a. Atrás dele vinha Tabaqui, gritando:

– Aqui, meu senhor, foi aqui que ele entrou.

– Quanta honra, Shere Khan! – disse Pai Lobo com fúria no olhar. – Em que podemos ajudá-lo?

– Quero a minha presa. Um filhote de homem veio nessa direção – disse Shere Khan. – Seus pais fugiram. Ele agora é meu!

Shere Khan havia pulado numa fogueira de lenhadores e estava furioso de tanta dor nas patas queimadas. Mas Pai Lobo sabia que a entrada da caverna era estreita

demais para um tigre entrar. Mesmo ali onde estava, os ombros e as patas dianteiras de Shere Khan estavam apertados por falta de espaço, como estaria um homem se tentasse entrar em um barril.

– Os lobos são um povo livre – disse o Pai Lobo. – Só recebem ordens de seu chefe e não de um carniceiro qualquer. O filhote de homem é nosso, até mesmo para matá-lo, se tivermos vontade!

– Que história é essa de “se tivermos vontade”? Quem são vocês para escolher alguma coisa? Em nome do touro que eu matei, será que tenho mesmo de ficar aqui na sua caverna para exigir o que é meu por direito?

O rugido do tigre encheu a caverna como um trovão. Mãe Loba abriu caminho entre os filhotes e avançou na direção de Shere Khan. Seus olhos, como duas luas verdes na escuridão, encararam firmemente o olhar faiscante de Shere Khan.

– Sou eu, Raksha (A demoníaca), quem está falando. O filhote de homem é meu, Lungri – meu! Só meu! Ele não vai ser morto. Vai viver para correr com a matilha, para caçar com a matilha e, no final, preste bem atenção, seu caçador de filhotes, seu comedor de sapos e de peixes, é a você que ele vai caçar! Agora suma daqui, ou, em nome do veado que eu matei – que eu não caço gado faminto –, volte para sua mãe, sua besta queimada da selva, mais manco do que veio ao mundo! Desapareça!

Pai Lobo olhava impressionado. Ele quase havia esquecido de quando conquistou Mãe Loba em uma disputa com outros cinco lobos, quando ela corria

junto com o bando, e não era à toa que era chamada de “A demoníaca”. Shere Khan conseguira enfrentar Pai Lobo, mas não pôde com Mãe Loba, porque vira que, de onde ela estava, levava vantagem sobre ele e lutaria até a morte. Portanto, afastou-se da entrada da caverna, rosnando, e quando já estava bem longe gritou:

– Os cães ladram alto dentro do seu pátio! Vamos ver o que o bando tem a dizer de adotarem filhotes de homens. O filhote é meu e é para os meus dentes ele virá no final, seus ladrões de rabo felpudo!

Mãe Loba voltou ofegante para junto de seus filhotes, e Pai Lobo disse seriamente:

– Shere Khan tem razão. O filhote tem de ser apresentado ao bando. Ainda assim você quer ficar com ele?

– Ficar com ele? Ora essa. Ele chegou nu, de noite, sozinho e faminto, e mesmo assim não teve medo! Olhe, ali está ele já brincando com um de nossos filhotes. E esse carniceiro manco o teria matado e fugido para Waingunga enquanto os homens daqui nos caçariam em nossos covis só por vingança! Ficar com ele? É óbvio que eu vou ficar com ele. Pode ficar sossegado, meu sapinho – porque é assim que eu vou chamá-lo. Mogli, o sapinho. Dia virá em que você vai caçar Shere Khan, como ele te caçou.

– Mas o que será que o bando vai achar disso? – perguntou Pai Lobo.

A Lei da Selva é muito clara. Um lobo, quando se casa, retira-se do bando ao qual pertence, mas, assim que seus filhotes aprendem a andar, devem ser levados por seu pai até o Conselho – que acontece geralmente

uma vez por mês, durante a lua cheia – para serem apresentados aos lobos. Depois dessa apresentação, os filhotes são livres para correr por onde quiserem, e até que tenha matado o primeiro antílope, nenhum lobo já crescido tem o direito de matar um filhote. O castigo para isto é a morte onde quer que o assassino possa ser encontrado, e se você refletir um pouco vai ver que é uma lei muito justa.

Pai Lobo esperou até que seus filhotes começassem a correr e, então, na noite do Conselho, levou-os junto com Mogli e Mãe Loba à Pedra do Conselho – o alto de uma montanha coberta por rochas onde uns cem lobos se encontravam. Akela, o grande Lobo Solitário, que liderava o Conselho por sua força e inteligência, estava estendido de corpo inteiro na sua pedra.

Abaixo dele estavam mais de quarenta lobos de todas as cores e tamanhos, desde veteranos que podiam sozinhos caçar um antílope até filhotes de três anos que pensavam poder fazer o mesmo. O Lobo Solitário já os liderava havia mais de um ano. Ele havia caído duas vezes em uma armadilha durante sua juventude, de modo que conhecia muito bem os costumes e manias dos homens. Não havia muita conversa na Pedra. Os filhotes rolavam uns sobre os outros no centro do círculo onde estavam seus pais. De vez em quando um lobo mais velho ia em silêncio até um filhote, olhava para ele atentamente e voltava ao seu lugar. Uma vez que outra uma mãe pegava seu filhote e o levava até a luz do luar, para que o vissem bem.

Akela gritava de sua pedra:

– Vocês conhecem a lei. Olhem bem, lobos, para poder reconhecê-los.

E as mães, ansiosas, reforçavam a ordem:

– Olhem bem, lobos!

Finalmente – e o pescoço de Mãe Loba ia se eriçando à medida que ia chegando a hora – Pai Lobo puxou Mogli, o sapinho, como eles o chamavam, para o centro, onde sentou-se rindo e brincando com pedras que brilhavam ao luar.

Akela nem levantava a cabeça de suas patas, mas continuava ordenando naquele tom de voz sempre igual:

– Olhem bem!

Um rugido abafado veio por detrás das pedras – era Shere Khan, gritando:

– O filhote é meu. Deem ele para mim. O que é que o Povo Livre tem a ver com um filhote de homem?

Akela nem mesmo moveu as orelhas. Só disse calmamente:

– Olhem bem, lobos! Olhem bem!

Houve um coro de desaprovação, e Shere Khan perguntou:

– O que é que o Povo Livre tem a ver com um filhote de homem?

A Lei da Selva diz que, no caso de dúvida quanto ao direito do filhote ser aceito pelo bando, duas pessoas, que não sejam seu pai e sua mãe, devem falar em sua defesa.

– Quem fala em nome do filhote de homem? – perguntou Akela. – Entre os membros do Povo Livre, quem fala por ele? Não houve resposta, e Mãe Loba preparou-se para o que ela achou que seria sua última luta, caso as coisas chegassem a esse ponto.